



Ana Oliveira

PEQUENAS MORTES DIÁRIAS

Un libro de poesías
es el otoño muerto:
los versos son las hojas
negras en tierras blancas,

y la voz que los lee
es el soplo del viento
que les hunde en los pechos,
– entrañables distancias.

(Federico García Lorca)

SUMÁRIO

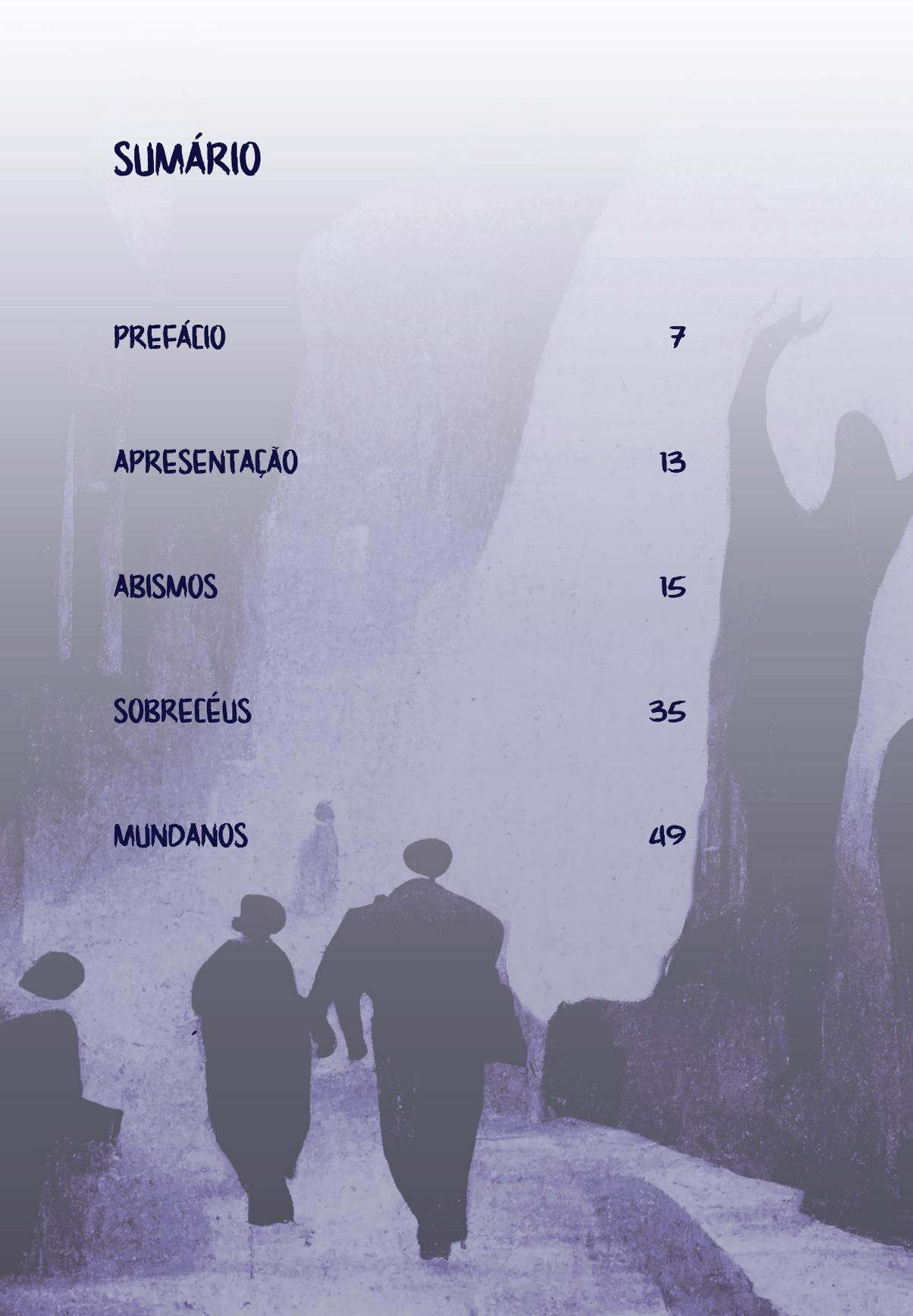
PREFÁCIO 7

APRESENTAÇÃO 13

ABISMOS 15

SOBRECÉUS 35

MUNDANOS 49



PREFÁCIO

Temos que estar prevenidos, pois um dia a avalanche vai chegar. Ela vai deixar tudo virado, desacomodado, magnificamente errado. Contra essa força irresistível e desaforada não haverá nada para fazer, além de se entregar, de sacrificar as memórias e as lembranças para serem passadas pelo liquidificador da desordem. Adeus para as normas da catequese e da geografia, para os conselhos das tias e dos padeiros, para as leis das revistas e dos jornais, para os mandamentos do rádio e da televisão. Hora de se despedir, de desencarnar, de entender que este mundo, o melhor dos mundos que tivemos a precaução de receber, pode não ser assim ou não ser bem assim. O que fazer com a avalanche que vai desordenar completamente nossa vida? Como vamos nos preparar para sua chegada?

A avalanche deixará, entre outras aberrações, cenas de naufrágio que são como uma bolada na testa. Instantâneas, inesperadas, marcantes. A avalanche terá um efeito nocivo que poderá apagar um teu e um eu e um eles, que poderá transformar um peito em uma partida (e o deixar partido). A avalanche deixará, entre outras monstruosidades, uma lacuna em que a palavra não pode ser mais escrita porque perderá seu sentido. Ficaremos todos no meio da noite muda e nem o assobio da lua poderá ser escutado. A avalanche não será de vidro, não será um reflexo em um espelho. Ela será a soma das pequenas mortes, a chuva devastadora que arrasará amores e humores. Ela vai chegar e vai alagar tudo, e o que está irá para o espaço ou não será encontrado, e nem as palavras penduradas nos infinitos lábios serão escutadas. Não haverá nem história, no senso em que nos foi presenteada ou vendida, para contar. Assim chegará, como um vento ou como uma ventania ou como uma brisa aterradora fantasiada de poema, de grito estridente que só deixará em pé uma íntima tarefa, a de *chutar cascalhos e juntar cacos*.

A avalanche vai chegar, *sem* aviso prévio, de repente, e a nova rainha, a apatia, deixará uma paisagem *sombria e muda*. Terra árida e horizonte desfigurado. Nada do que era será. A avalanche, com suas formas poéticas e sabores, vai des/acomodar tudo. E nem um aviso. Que horror! Esse é o grande traço da avalanche lírica, a avalanche proposta nas páginas seguintes.

Na imensidade da planície, um gaúcho foragido da justiça, um gaúcho célebre de um livro muito mais célebre que seu protagonista, escuta o grito de um tachã e se prepara. A grande ave, símbolo dos pampas, se veste de Hermes para avisar que a hora chegou. Que um grupo amorfo de policiais está chegando silenciosamente para prender um matreiro, para que uma vida de ampla liberdade se torne uma procissão entre os quatro cantos de uma prisão, entre as esquinas monótonas de uma gaiola enferrujada. Nesta história, o caos está na vida do homem do campo que é levado por forças indiscutíveis a se entregar à natureza e a se desentender de um mundo pré-fabricado que é fácil de impor. O caos está em se guiar pelas sempre dispostas estrelas, em fazer da grama úmida uma cama perfumada ou de sentir que o fervente entardecer é uma espécie de comunhão com o universo. O tachã avisa que a outra ordem está chegando. Externa, sem contemplações, apocalíptica, a hora de entrar no mecanismo está tocando a porta. A outra avalanche está chegando para fazer da bela imensidade uma caixinha de tijolos e barro. E que sabe de avalanches o homem que nunca viu uma montanha? Mas, para a força destrutiva da ordem, a que rola por pura inércia, a planície também é um território que pode ser reconfigurado, cuidadosamente estruturado.

Um grito selvagem avisa que a tragédia se aproxima, um gaúcho prepara sua faca, e a ideia da existência regrada por instruções e códigos se desvanece parcialmente e perde força. A outra avalanche olha nos olhos do centauro dos pampas e sossega sua fúria. Uma faca abre um caminho, um destino para ser seguido. O grito foi escutado, o alvo se preparou, e aquele mundo quase extinto continuará respirando, por um tempo.

O gaúcho é, “ante todo”, um *pajador*, um poeta, uma luz que sente o perigo da prescrição e o método. Para ele, quando intuída, a outra avalanche não é um vendaval, é um sopro. É uma ínfima e íntima dor. É *um morrer só por hoje, em silêncio, morrer só um pouco, pra ser leve*. A outra avalanche não consegue aniquilar o poeta. Esta é a história da outra desgraça, da avalanche do avesso. Para aqueles amantes do brilho do metal, para aqueles que se embriagam com o perfume do trevo, as páginas deste livro serão um grito suave e preventivo que confirma que há remédios contra os efeitos perniciosos da avalanche do avesso.

Saiba que se você for um ser aberto ao grito salvador, à escuta do tachã, entenderá que as pequenas mortes são parte da vida, que o chão é descanso, que o céu é contemplação e que as estrelas são um caminho que pode ser seguido. Também sentirá que as dores da avalanche do avesso, aquelas dores que querem organizar os jardins floridos e caóticos de seu quarteirão, vão chegar, sim, mas como palavras que só conseguem atingir a forma do conselho ou como mãos rígidas que só carregam a força de uma carícia de infância. Para aquele que saiba escutar, a ordem proposta será como uma aliada no caos, pois a ineficácia do que deveria ser só reforçará a crença de que uma borboleta é um sorriso que flutua no ar ou que um jasmim é um buquê de asas perdidas de anjos distraídos. Saiba que se você for um ser aberto ao grito salvador, nas próximas páginas, a avalanche do avesso nem será notada. Nem uma lista na receita do bolo da tia Margarida, nem uma forma de colocar seus papéis e suas canetas na mesa, nem a necessidade de acomodar as lembranças em um álbum de fotografias, nem um jeito de dobrar a camiseta preferida, nem um grito que não seja aquele que obriga a mostrar o sol no aço. Não haverá fechaduras para os espíritos livres, nem *tantas gaiolas, nem* medo de *estragar a festa, nem de gastar uma desvida*. Este livro vai deixar você continuar morando no *quintal do universo*.

Agora, se você acha que o chão é para ser varrido, que o céu é para colocar satélites e as estrelas servem para adornar os cartazes dos hotéis, eu tenho que avisá-lo que a avalanche lírica pode doer um pouco. Mas, de um jeito ou de outro, nunca saímos ilesos de uma leitura, desse disparador que deixa as grandes massas congelantes mudar até a mais pormenorizada agenda.

Entre o não e o sim, podemos sentir a força e o chamado do talvez. E, *tal vez*, experimentar um extravio entre os mapas mais detalhados, um vacilo entre as seguranças mais robustas. Intente viver, se estiver a fim, claro, de outra maneira, da maneira do *tal vez*! Se você já vive assim ou se você tenta viver assim, por uns momentos, as páginas vindouras serão como uma reconfortante chuva indesejada no rosto de um marinheiro, como um movimento súbito na agulha da bússola que aponta novos nortes para o velho capitão, como um motim inesperado em navios amigáveis, como uma desgraça necessária. Se você já vive assim ou se você tenta viver assim, por uns momentos, as páginas vindouras serão como uma pequena morte diária em mares calmos.

De todos os destinos possíveis, ser feliz é aquele que se reputa mais raro. A felicidade é uma moeda que não depende do esforço nem das virtudes de quem a procura. Ela, dificilmente, está naquilo que entendemos como a domável realidade e muito menos no que entendemos por poesia. A felicidade pode ser uma pequena sensação de alívio entre duas feridas, um ínfimo suspiro entre duas dores, uma pequena careta alegre entre lábios mordidos e testas franzidas. Sempre estamos na contramão da felicidade, sempre perdendo pessoas e coisas. Estas últimas se evaporam, somem, desaparecem sem dizer nem até logo. Pequenas mortes diárias. Declamamos ausências e perdas em palcos sem público, em festivais trágicos ou apáticos, em festas com mesas fartas de manjares sem sabor. E somos felizes quando a tristeza retrocede uns metros, só para ganhar impulso e dar outro golpe mortal, aquele óbito habitual que nos lembra

que os sorrisos estão no passado, longe, inalcançáveis. Só ficam rascunhos de gargalhadas. A lembrança da felicidade é uma pequena morte diária. E a tristeza também. Avalanches líricas ou do avesso são duas caras do mesmo objeto.

Se você vive a poesia, se a mastiga e não a cuspe, demais está dizer que os versos iminentes estão falando da avalanche de sua vida e que cada corte versificado, que cada hematoma sonoro já está tatuado no seu corpo.

E, se você nunca colocou um poema no seu prato, não se preocupe com o sabor das dores e das tristezas de uma artista. Não se assuste. Tudo isso não tem a mais mínima importância, porque, de alguma forma que não saberia explicar, uma lembrança de um sorriso ou um rascunho de uma gargalhada já justificam uma vida (seja esta ordenada ou desordenada). Se você nunca colocou um poema no seu colo, se nunca escutou um grito selvagem avisando que a avalanche está vindo, se nunca esteve preparado para um decesso intermitente e paginado e se nunca teve a necessidade de saber o que é morrer e renascer, as páginas que estão chegando serão uma belíssima experiência, uma ferida íntima que cicatriza antes de sangrar. Se você nunca *enxergou uma onça na lua, livre em sua pampa amarela*, vai afundar e desaparecer na avalanche poética deste livro, mas vai sentir, como uma melodia ou um soco, não importa, que uma morte, uma pequena morte diária, não tem nada, absolutamente nada de trágico.

Santo Gabriel Vaccaro

APRESENTAÇÃO

Poemas são como os fluidos do corpo ou como as intempéries da natureza, insubordinados, genuínos como o vômito e o vento. A partir disso, surgiu a divisão deste livro que nada mais é do que a metáfora daquilo que penso ser as três fases da vida e da poesia: abismos, sobrecéus e mundanos.

De tal maneira que, aqui, os abismos são a representação dos sentimentos tristes, como a própria tristeza, a melancolia, a solidão. Mas não somente estas, como toda e qualquer dor que despedace a alma.

Essencial ainda dizer que tal divisão está intrinsecamente ligada a um estado de espírito poético da época de sua concepção. Porém, sem querer confundir leitores e leitoras, nem querer entregar tudo de “mão beijada”, as partes não apenas dizem respeito a tal período, mas a cada minuto do tique-taque de nossa vida.

Não seria, então, mais coerente que os mundanos viessem após os esperançosos sobrecéus? Seria. Se as coisas da vida e da morte fossem previsíveis e inoxidáveis. Mas não (ou sim?), sobrecéus aqui simbolizam a euforia pós-inferno, pós-caos, pós-pequenas mortes diárias. Uma tentativa desesperada de cura. Um carnaval fora de época. Uma vida que decide viver.

Ana Oliveira

A dramatic, low-angle photograph of a canyon. The sky is filled with numerous birds in flight. A person is silhouetted against the sky, standing on a rocky outcrop in the lower-left foreground. A thin, vertical line, possibly a rope or wire, hangs down from the top center of the frame. The overall color palette is dominated by deep blues and purples, creating a somber and atmospheric mood.

ABISMOS

13

O FIM DO POEMA

Enfim, literal. Fosca. A poesia virou um cinzeiro abarrotado e amanhecido. Um mofo de pão. Uma casca de qualquer coisa que já não serve mais. Eles venceram! Já não há mais olhos marejados, nem mariposas estomacais. Apenas uma acidez assídua e vencedora. Não há mais sequer um resto, restolho, restinho de nada. Só embrulho, entulho. Cascalhos de palavras chutadas. Exija qualquer outra coisa. Um tapa na cara, um gole de cachaça, mande os versos para aquele lugar. Mas poesia, nunca mais!

APATIA

Que amor é esse sombrio
Desfigurado e mudo
Morador de um coração
Apático e cansado
Fadado a viver trancado
Dentro do esquecimento
E fora das lembranças
Cada dia mais carcomidas
Distantes do pensamento
Que viver é esse que sem
Amor urgente e aquecido
Descompassa saudoso
Dentro do apartamento
E da carne que chora
Enganada e doente
Por querer ser abrigo
Daquilo que finge de dia
E clama à noite que volte

SEM

Solidão é como o ventre seco

Comida sem fome

Árvore sem passarinho

É como madeira sem seiva

Teto sem graça nem gente

Solidão é um não de repente

Sem aviso prévio

Sem mato nem gato

É como a vida sem terceiro ato

NAUFRÁGIO

Sem o teu
Meu peito é partida
Da cama sem quarto
Do prato sem mesa
Estrela sem ponta
Poema sem livro
Retrato sem sorriso

Sem a tua
Minha alma é sem cor
Dor de amigo perdido
Do beijo sem boca
Do olhar sem sentido
Da chuva sem abrigo
Estrada sem caminho

Sem a tua
Minha vida é morta
Náufrago sem vela
Amor sem Florbela
A ida em silêncio
Do coração sem rua
E dos olhos sem janela

DOR DE FLORBELA

À espera da alma sem algema
Num caixote de memórias vivas
Tanto o amor quanto o poema
Abrem mão do frescor primaveril

O coração sombrio da flor
Na noite cálida e amarela
Verseja a vontade do verso
Tal qual a dor de Florbela

O devir travestido de sina
Permeia entre sombra e solfejo
Fadado a acariciar o tempo
Algoz do próprio desejo

O AMOR QUE ERA DE VIDRO

Já não sei mais escrever sobre nós
Há uma lacuna na pele e no peito
Há também uma memória escassa
Que se perde na casa dos sentidos
Que sem cheiro abraço ou canção
Realçam as cores do esquecimento

É como uma fina xilogravura
Que a mão do tempo não apaga
Mas que empalidece as linhas

Dessa lua viúva de boca amordaçada
Desse indócil acaso de pés acorrentados

NOITES MUDAS

Nas horas nubladas do dia
Divino entretenimento

Mas quando a lua assovia
Amarrada ao fio do relento
Cheia de bruma e ardor
Com calma a dor denuncia
A mudez proibida do amor

Nas noites silenciosas de verão
De sonhos e suspiros engolidos
Surgem delírios do teu rosto
Desenhado nas réstias da parede

Ilusões mortas de sede
E de indícios
Os segredos

A PEQUENA MORTE DOS DIAS

O amor é como uma pequena morte
Um sarcófago esculpido de eternidade
A morrer junto com todas as tardes
Violando a natureza ardente da vida

Em cada entardecer existe um abismo
De dias solitários cheios de desejos
Como uma caixa de Pandora sem fundo
A explodir sob o rizoma dos sonhos

SONHO MORTO

No sonho que não era meu
Metade de você apareceu
Sangrando na cabeça de outro
Teu corpo a sorrir-me morto

No devaneio também não era eu
Mas um estremecido vislumbre
Num banquete de festa fúnebre
A comemorar o luto que morreu

Nem dor nem amor nem mágoa
De um sem sentir que o véu afaga
Restos de ti que hoje é névoa
Jaz a brilhar no coração do nada

DOEJAR PORTUGUÊS

Nenhum mar vive atrás do véu
Mortalha da escuridão do dia
Nada se move tudo está ao léu
No gládio que o cinza pressagia

Num prenúncio cego aos gritos
Jaz sentada na pedra a dor
Renegada e aquém do Bojador
A rastejar em areias de vidro

Na hora mais perigosa do instante
Inquieta-se a esfíngica solidão
Descoberta e nua a lambar o chão
Do meio sonho forjado a sangue

GOSTO DE SANGUE

Nenhum amor passa

Alheio ao gosto do sangue

Da boca mordida

Nenhum beijo nasce

Sem antes incendiar os olhos

Dispostos ao abismo

Nenhum coração para

Ao dar passagem ao desejo

Apenas atrasa a respiração

CAPITU

Que olhos tristes
Esses que de ressaca
Morrem todos os dias
À beira do amar

Feitos de abismo
Cansados de tanto ver
O sentir refletido
Na prisão do querer

PARA OS (BONS) DIAS MORTOS

Nosso bom dia que morreu
ao cair da tarde
levou também os cafés
e os ovos mexidos
levou a cara amassada
das noites que partiram
sem aviso prévio
levou o abraço da manhã
que não se sabia última
e por isso não tivera
um jeito de adeus
levou também os medos
mas trouxe as angústias
que são medos tristes
levou a canção das terças
sobre ficar bem pra cuidar mais
e o almoço dos domingos
atrasado mas cheio de risos
O bom dia que era nosso
agora vive no vazio das horas
que levaram os sonhos
as madrugadas e a paz
de estar em par

O ABISMO DA FLOR

Ainda que acalme a dor
Do triste botão da rosa
Queria abrir-se em flor
Ser poesia não prosa

Talvez o coração cansado
Da rosa sem fé nem norte
Ficasse assim enterrado
No abismo que lhe conforte

VINTE E TRÊS

Tua fraqueza agora
Espanja adeuses
Acena ao definitivo
Ocupada do mundo
Como um rio sem visitas
Inutilmente portátil
Retirada e perene
Alma intransitável
Há quase um mês
Distante das coisas
Que apagam os nomes
E dos nomes
Que perdem pessoas
Tua sina é como
Uma lembrança esvaziada
Peregrina feliz
Desfeita em poeira fina

APENAS RIO

Apenas porque rio
Não se abisme
O riso bateu para entrar
Logo não é verdadeiro
Esse que não pede é mergulho
Um deleite que vem e vai
Assim sem perguntar
O porquê de tanto desejo

A ele damos tudo
Tempo sono poemas
Deixamos que subtraia
Da face o calor precipitado
Mas o teu fluxo
Berra em meus ouvidos
Como quem diz aqui estou
Até meu sangue borbulhar
E se derramar em versos

Leio livros com olhos ardidos
Sobre as páginas que zombam
Provocadas pela ironia amarga
Do riso que desaguará longe
Por um longo e solitário tempo

Contudo, ainda rimos
De tanto chorar

RESSACA

Dentro dela há
Um emaranhado

Corpos vírus e cheiros
Coquetelados
Em tempos ainda mais difíceis
Que os de Amélie

Alcoolizados pela inspiração
Que vem do estrago
Ou da crença na volta do afeto

Dentro dela há
Uma maldição

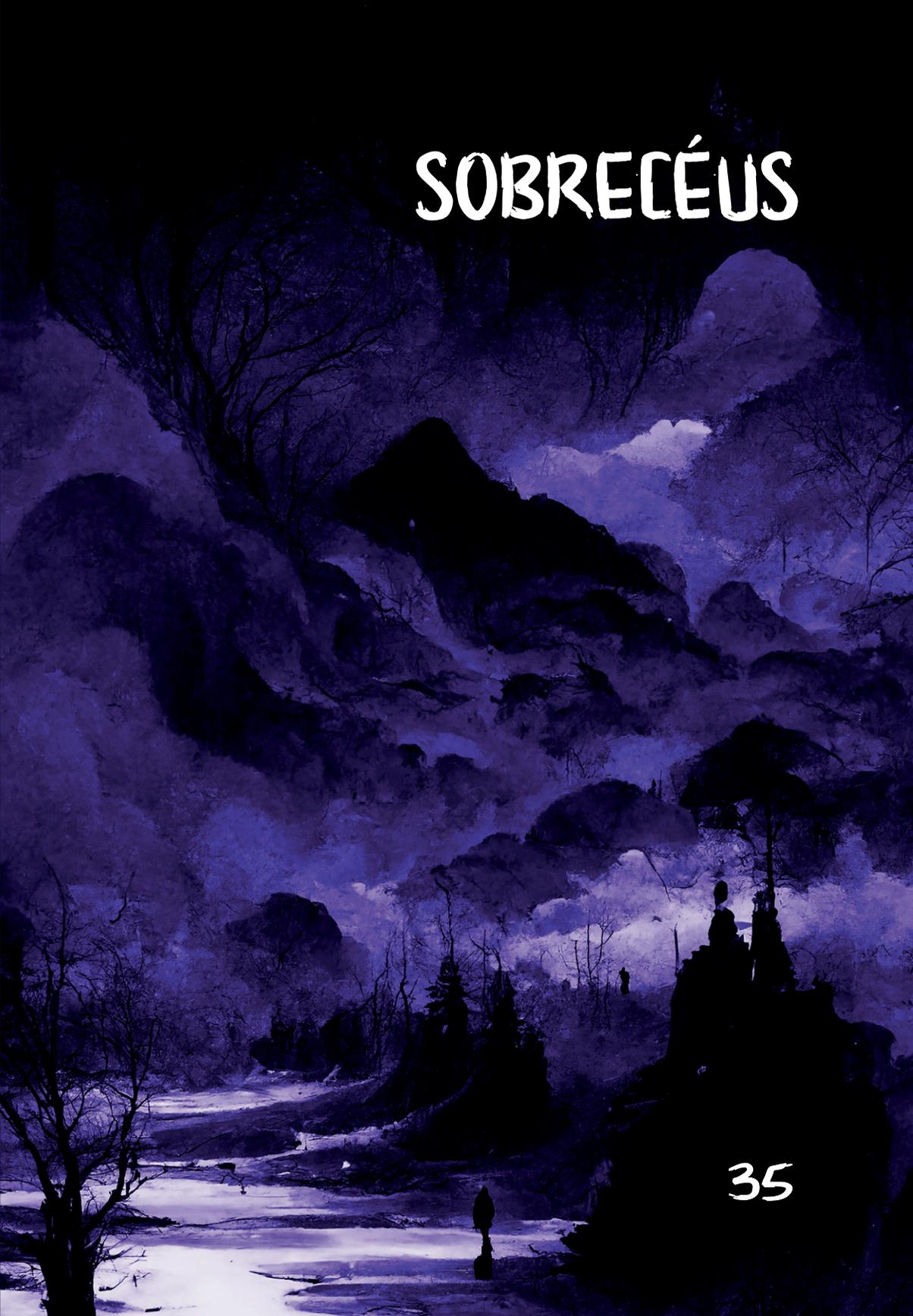
Mais sina que acaso
Mais acaso que escolha
Mais cachaça que ego

Dentro dela há
Infinitas tentativas de dizer sim

GEOSMINA

Carvão ativado
No riso acanhado
Que em contato
Com a pele seca
Rescende
Reacende
O tesão pela vida
Induzido
Pretendido
Efêmera morte
Do triunfo da dor

SOBRECÉUS

A dark, atmospheric landscape with a river, trees, and a castle silhouette. The scene is rendered in a monochromatic blue and black palette, creating a somber and mysterious mood. The river flows through the foreground, reflecting the dark sky. Bare trees line the banks, and a large, dark silhouette of a castle or fortress stands on a rocky outcrop in the middle ground. The background features more trees and a dark, hazy sky.

35

TEMPO DE TERNURA

Minha saudade tem nome
Tem cor cheiro e memória
Caminha contra a demora
Do encontro que se consome

Cada manhã tem mais vida
No abraço que não disfarça
A luz que tudo ultrapassa
Dissolve a dor exaurida

Todo amor que traz cura
Vem com o antídoto certo
Que bom mesmo é estar perto
Sem medir tempo e ternura

O AMOR TAMBÉM CHOVE

Sem saber por onde começar
Nem quem benquerer
Cansado da fama de tudo poder
O amor se fez chuva
Para não ter que explicar
E chegar sem pedir
Choveu assim
Como quando e onde quis
Levou as coisas do varal
E ignorou os desavisados
Tão breve e devastador
Que arrasou tudo
Deixando rastros molhados
Que quase sempre secam
Mas nunca são os mesmos
Penetrou na alma da roupa
E na roupa da alma

ENSAIADOR

Em encontros imaginários
Tu estás em meio à multidão
À espera das palavras ensaiadas
Planejadas durante a solidão

Com invencível desejo de menina
Vives de toda a sorte exilada
A te buscar como ave de rapina

Sem ti a vida é como uma cigana
Clandestina num recanto sombrio
Desenganado amor em desvario

O BEIJO

De tão ausente e distante
Sem mais textura nem tempo
Dormindo frio ao relento
Matou de espera o amante

Assim com a pele rasgada
Sentiu que nada sentia
De tudo que a boca sabia
Ao desejo nada adiantava

Em pensar que de loucura
Um dia incendiou a face
Que agora é rubro disfarce
Do beijo que lhe tortura

A MENTIRA NÃO MENTE

Preciso saber da tua vida
Mesmo que da minha repartida
Mesmo que de longe nada queira
Pensa que de ti serei inteira

Se vale um coração que mente
Toma que o meu finge o que sente
Sorri para o dia ser engolido
E a noite contar que tinha mentido

DESASSOMBRO

Sempre há você em mim
Mesmo não havendo
Disfarce para a sombra
De dúvidas que assombra
Meu coração ao meio-dia
Da sua alma que grita
Por um pouco mais de ar
Para ânsia do meu peito
Asmático destemido amar
Que mesmo sem chance
Atropelou o destino a tempo
Comeu o vento pelas bordas
E depois de você visitou
O relento de qualquer outro
Sem ousar ser de mais
Ninguém

TEMPO PARA JOGAR DENTRO

Quero jogar tudo fora
O tempo a roupa
A louca liberdade
De ser só um
E ainda mais livre
Ao virar dois
Quero ter menos
Jeito de ventania
Para deitar brisa
Ao seu lado
Que é colo e canção
Pois a solidão joga tudo fora...
Joga tudo fora
Só para depois
Catar cada pedaço
Colar em cada abraço
O segredo do seu riso
Que também é meu
E que depois emudece
Porque o beijo cala
E a carne exala o silêncio
Da nossa febre em festa
Quero jogar tudo fora
Pra viver dentro de você

CARTA AO DESEJO

Não me mande beijos
Me remeta selos
Para que lhe devolva as cartas
Sujas com aroma de pele
Arranhadas e cuspidas

Não me mande beijos
Mas cabelos arrancados
Comidos pelas unhas
E dentes tatuados pelo corpo
Sem nenhuma censura

Não me mande beijos
Ordene ao corpo
Que faça as malas
E mergulhe no desejo
Que de tão livre chamar-se-á
POESIA

QUANTO AOS BEIJOS

Roubo tuas palavras
E as penduro em meus lábios
Não suporto mesmo é não sentir
Esse teu beijo-poema
Nem saber como é viver sem
Aquele que desordena
Mas mantém a alma acordada

O VELHO E O OUTRO

Amamos tanto e parece tão pouco
Temos medo de não ser do jeito que já foi
E vontade de amar de outro

O amor
É um velho conhecido

Que às vezes vira um rosto sem nome
Quase nunca se sabe se ainda o queremos
Mas morremos só de pensar que não

VESPERTINO

Tardes de gabinete
Papéis revoltosos
Jogados ao acaso
Dados mallarmenianos

Alma reticente
À espera do poema
Algemado e amarelo
Voa abruptamente

Corpo transcendente
Devorador de sóis
E de sorrisos de lua
Poesia aloucada e nua

LUZ CEGA FOGO FRIO

Não tenho mais medo do escuro
Nem da luz que cega ao brilhar
Meu pavor é da desalma humana
Carregada de artifícios ilusões

Onde estão os espíritos bruxuleantes
E as sensações inexplicáveis?

Deixo que as lâmpadas durmam
Enquanto os sussurros da cidade
Agem como suave sonífero
Amortecendo meus lábios frios

É como se todo o temor
Tivesse se tornado insignificante
Ante ao veneno que paralisa o corpo
E injeta dor no repouso

O silêncio já não amedronta
Restos de vozes que viraram ecos

Nenhuma força é tão miserável
E indiscreta quanto o amor
Nele não há nem véu nem virtude

ABELHAR

No céu da vida ameaçada
Voeja a abelha apressada
Encorajada pela urgência
De espalhar a paciência

De pólen em pólen sobrevoa
Calmamente apressada
Sina sem linha de chegada
Pois a vida não é tarefa à toa

MUNDANOS



CINE VIDA

Nem o filme
De uma vida vivida
Fugirá da história contada
E das memórias borradas
Pelo tempo
E pelo álcool
Tão pouco escapará
Da cara de pau
De uma sedução estudada
Pela morte
E pelo departamento
De marketing da vida

Viver é sentir pouco a pouco
A perda irreparável do fim
De cada dia
Porque viver
É morrer sem morrer

DÍARIO DAS PEQUENAS MORTES

Morrer só por hoje
Em silêncio
Num lugar quente
Escuro abraço

Morrer só um pouco
Pra ser leve
Ser vivo
Breve sossego

Morrer só pra viver
Mais um dia
Menos um
Funesto instante

A CHUVA DOS OLHOS

Hoje, ao acordar, chovia. Não aquelas gotas de cor cinza dos dias que lá fora proclamam a chegada do outono, mas aguava aqui dentro. Ao abrir os olhos, vi uma nuvem grudada no teto e outra alojada em meu peito. Então esperei que chovessem braços, que deles viessem mãos e delas surgissem afagos capazes de arrancar esse cansaço que a alma chama de saudade. Desejei que o chão revirado pela enxurrada se abrisse e dele subisse em minhas pernas raízes macias com cheiro de terra molhada, apertadas como um abraço deve ser. Mesmo com medo, ansiei que um vendaval com nome de pessoa chegasse, anunciado por uma brisa quente que depois fizesse meu coração levantar voo junto com os móveis da sala, num insano e mágico arrebatamento. Ao acordar, implorei ao vento para que abrisse meus olhos grudados pela chuva e pela dor de um sentir sujeito a morrer seco, sem palavras, desesperado e só. Porque até para maldizer o amor tem que amar.

QUIMERA

Não mais importa o mundo
Que só olha para o próprio céu
Não enxerga as cores do outro
Em seu umbigo absorto

Não mais encanta o jeito
Que engana o amor sublime
Nem percebe qual o crime
Da promessa sem proveito

Não mais basta a migalha
Que a vida tudo atrapalha
Vai logo o que nunca era
Esquece o que já é quimera

CHORO ENGARRAFADO

Pega teu coração na mão
Aperta até esmagar essas palavras
Que vomitam ordem aos teus medos
Junta a coragem que te resta
E não diga mais que vai ser sempre assim
Pedacos dilacerados pelo chão
E vontades pisadas pela garganta muda
Será que sorrir sem memória
É melhor que viver de lembranças
Melhor ainda é perceber
Que de amor ninguém morre
Que o trabalho até dignifica o homem
Mas a obrigação destrói o artista
Junta os cacos dos teus ossos
E engole o álcool num choro só
De manhã pede mais noite no quarto
Que a lua amanhece com fome

Pois o tempo é aquele que diz sim
E aquele que diz não

O SONHO DO OUTRO

Um dia descobriu que vivia outras vidas. Não que lhe faltasse tal merecimento, apenas não eram suas. De pequena, e inconsciente, decidiu não mais viver sua existência. Talvez por nunca ter nela encontrado sentido ou abraço. Desde então, passou a emprestar seu vazio para lotar sonhos alheios, sem que jamais algum a pudesse preencher. Vivia em uma espécie de limbo. Num depósito de almas emprestadas que, de início, fuga, mas que depois, ofício. Certa vez, num piscar de olhos, fora banida daquele que, por um lapso de tempo e espaço, acreditou ser seu primeiro anseio. Ficou então a vagar como num armazém de desejos ambulantes, frequentando bares e becos em busca de suas vontades como um parasita largado à onírica sorte. Encontrou muitos deles, mas nenhum era seu, e ao passo em que fazia o que de melhor sabia, a mais terrível angústia lhe acometia: nunca mais sonhar. Eis que um sentimento vestido do mais cruel caráter perfurara seu subconsciente e ali injetara generosas doses de ausência de ilusões. Dias e noites delirantes degustaram suas vísceras ardidadas em que já não distinguia nem o cheiro, nem as cores das coisas. Tudo parecia amarelado e as vozes murmuravam tão distantes quanto os rostos desfocados. Queria um único sonho! Podia ser até de padaria. Jamais os havia escolhido, tampouco subestimado. Mas agora nem mesmo era capaz de vampirizar desejos alheios. Cansada e aturdida, sem o único dom que lhe tornara útil, ingressou em uma longa viagem rumo ao lugar para onde vão todas as quimeras perdidas. E fora ali, na antessala da última gota de sangue, quase sem mais tempo ou vontade, que encontrou aqueles que incansavelmente buscara. Sonhos, pesadelos, alucinações, vertigens! E eram todos seus.

PARTO NORMAL

O poema nasceu do entalhe
Da imagem roubou o detalhe
E chorou no devir dos versos
Que imitam bons e perversos

À cigana contou a poesia
Que do livro partiria
E rumou para a estação
Travestida de coração

A metáfora na rua encontrou
E sem pedir licença adentrou
Como uma alegoria da alma
De uma vida lida na palma

INSTRUÇÕES PARA ESQUECER

Para esquecer alguém de quem se gosta muito e não se quer esquecer, não basta não querer. Há de se fazer um esforço semelhante ao levantamento de dois ou dez elefantes, simultaneamente. Se for uma formiga, substitua o elefante por besouros ou vaga-lumes obesos. Para deslembrar, deve-se sentar em um lugar usado para pensar. É imprescindível que esteja acompanhado de uma xícara de café e, para os fumantes, de um cigarro. Comece então a refletir e responda se a pessoa a ser esquecida faria a mesma força, que envolve elefantes, besouros e vaga-lumes obesos, para também te esquecer. Se a resposta for sim, desista imediatamente de esquecer. No entanto, se o pensamento titubear, enroscado no emaranhado dos cabelos da dúvida, passe para a próxima etapa: a execução. Uma das técnicas que poderá funcionar é a da distração. Distraia-se com a lua amarela e gigante que só voltará em meio século ou limpando folha por folha das mais de trinta plantas do jardim, porém, lembre-se de passar longe das rosas vermelhas. Aconselha-se recitar algum poema, que pode ser qualquer um que não fale de amor. Saudade também é perigoso. Em hipótese alguma se distraia abrindo velhas caixas, relendo bilhetes, dedicatórias, nem ouça aquele disco sobre terças-feiras ou cavalos. É recomendável que se ande normalmente pela rua, ora olhando para cima, ora para o chão e, em algumas vezes, para um letreiro ou vitrine. Isso evitará que se encontre um rosto, um cheiro ou uma voz. É também salutar que não se repitam situações as quais possam comprometer o trabalho até agora empreendido, como as madeleines escondidas em cafés na cama, discos de bolero ou a releitura daquele livro emprestado que jamais será devolvido sob pena de, fatalmente, estragar o esquecimento. E lembre-se: para esquecer, procure ter a certeza loucamente absoluta de que também já fora esquecido.

Obs.: instruções não comprovadas cientificamente, em fase de testes. Na dúvida, desconsidere-as.

DOCE MINIMALISMO

O quintal do universo
Que de tão cheio
Esqueceu-se
Das miúdas
E sufocadas pétalas
Que agora vivem
Em pequenos casulos
Graças aos dedos
Maternos e delicados
Da filha da natureza
Neta do destino
Que acolhe sonhos
Em minúsculos
Vasilhames etéreos

ESPÍRITO LIVRE

Há tantas gaiolas
Apáticas vulneráveis
Azedas de amargar
Forjadas a fel
Feitas pra arrasar o tempo
Estragar a festa
Misturadas com o vazio
Impotente e surdo
Carcomido de inveja
Da Vida que deságua
Pronta para teimar
E levar incertezas
Para longe da gente
Há tantos medos
Disfarçados de vento
Levam a Essência
De asas já cortadas
Cobertas pelo véu da noite
Que o flamingo traz de volta
Pois Alma não se ajoelha
Volta de manhã
Para fazer o café

RODOPIANDO SOLIDÃO

Se vive morta
De saudade
A bailarina
Dança dentro do quadro

Rodopiando solidão
De ponta em ponta
Desaponta o ritmo
Da multidão

Sabe que a dor
Sempre aparece
Pra cortar dedos e laços

Por isso dança
Se joga pra fora do quadro
E do coração

AO CADÁVER POÉTICO

a poesia é a dissecação da alma
redenção mas também maldição
acomete o poeta de palavras
que adoece ao não cuspi-las
é a cura do verbo
e a ruína da carne

TRÊS PERDIDOS NUMA MANHÃ SUJA

Nenhuma poesia na noite
Percorrida entre absurdos
E alguma verdade
Da retina empoeirada
Seis olhos mal dormidos
Sem lua sem medo ou saudade
Tudo feito pra ser agora
Efêmero tal qual o pó dos móveis
E a palavra ali enrolada
À espera da garganta seca
Ardida arranhada
Nenhuma poesia no pôr do sol
Que não foi visto mas bebido
E que por isso sem querer
Inspirou tosses vertiginosas
De sangria poética
Arritmia lírica
De três corações perdidos
Numa manhã suja

MERIDIANOS

Metade do invento, cimento
Metade da areia, sereia
Metade da saudade, maldade
Metade da verdade, idade
Metade do mato, perdido
Metade do ato, vontade
Metade da tarde, cidade
Metade da calma, comida
Metade do medo, caminho
Metade da dança, sozinho
Metade da alma, vendida
Metade da casa, partida
Metade do prato, consciência
Metade do jogo, urgência
Metade da cama, paciência
Metade do rosto, espelho
Metade da pressa, coelho
Metade da morte, façanha
Metade do corpo, entranha
Metade da mala, passagem
Metade da vida, viagem

O QUERER

O poeta quer escrever
O que os olhos choram
O que os dedos falam
O que o ouvido finge
O que a boca lambe
O que o coração dispara
O que a sorte ampara
O que o amor espalha
O que o medo encara
O que a dor disfarça
O que a perna bamba
O que o tempo urge
O que o vento surge
O que a mente ascende
O que a língua fere
O que o sol promete
O que a morte acalma
O que o peito cala
O que o corpo tara
O que a vida sara

A OUTRA FACE

A fotografia não queria porém dizia
Sobre o primeiro olhar no intervalo
Entre o piscar que acende e esconde
Estampado de tristeza talvez pavor
Ao mesmo tempo tènue ar de pureza
Um deslumbramento meio escondido
Por detrás das cortinas dos cabelos
Linhas livres como um véu que dança
Embaçado de poesia e esperança vã
Como flores que trazem a dualidade
Da infância e das frias noites cemiteriais
Cem mil faces nomes e inspirações
Quase nenhuma de aspiração frívola
Às vezes uma outra ou ninguém
Versos vazados pelos cantos da boca
Asas que te querem cortar inúteis
Como a coragem que o medo oprime
E verdades que escorrem pelo ralo
Do desejo que anseia novos destinos

GLOSSOLALIA

Desde março não escrevenho

Não reamarelo os dedos

Nada me escorre pela boca

Não respiro pelo abdômen

Nem sonho nem nadassinto

Desde abril não vejo escova

Não cheiro acetona alcoolizo

Nada me ocorre no estômago

Nem o amor nem ansiazia

Não solfejo nem vejo sol

Desde maio não comovento

Não derramo estranhezas

Nada me gasta a desvida

Nem a dor nem a bebida

Não vejo a hora de agostar

BALDAQUM

Nascem dentro da lua
No quarto do coração
Para as confissões
Recorrem com frequência
Ao seu diário secreto

Almas delicadas e taciturnas

Não digerem facilmente
Alimentos emocionais
De inconstância ressequida
Suas cores são os tons
Das madrugadas líquidas

Escondem-se em casulos

Vivem em histórias guardadas
E lembranças (re)sentidas
Como um felino assustado
Protegidas dentro do íntimo
E secreto dossel

MAPA PRIMITIVO

A moça de alma intransitável
Não negocia a liberdade
Nem o direito ao sexo orgânico
De sua solidão resolvida
Foge do rigor canônico
E das almofadas na janela
Evita também casamentos
E animais na comida
Enxerga um leão na lua
Livre em sua selva amarela
Nutre-se de saudável tristeza
Sem corromper a natureza
De seu espírito indomável

AD INFINITUM...



Reitor	Marcelo Recktenvald
Vice-Reitor	Gismael Francisco Perin
Chefe do Gabinete do Reitor	Rafael Santin Scheffer
Pró-Reitor de Administração e Infraestrutura	Charles Albino Schultz
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis	Nedilso Lauro Brugnera
Pró-Reitor de Gestão de Pessoas	Claunir Pavan
Pró-Reitora de Extensão e Cultura	Patricia Romagnolli
Pró-Reitor de Graduação	Jeferson Saccol Ferreira
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Clevison Luiz Giacobbo
Pró-Reitor de Planejamento	Everton Miguel da Silva Loreto
Secretário Especial de Laboratórios	Edson da Silva
Secretário Especial de Obras	Fábio Correa Gasparetto
Secretário Especial de Tecnologia e Informação	Ronaldo Antonio Breda
Procurador-Chefe	Rosano Augusto Kammers
Diretor do Campus Cerro Largo	Bruno Munchen Wenzel
Diretor do Campus Chapecó	Roberto Mauro Dall'Agnol
Diretor do Campus Erechim	Luís Fernando Santos Corrêa da Silva
Diretor do Campus Laranjeiras do Sul	Martinho Machado Júnior
Diretor do Campus Passo Fundo	Julio César Stobbe
Diretor do Campus Realeza	Marcos Antônio Beal
Diretor da Editora UFFS	Antonio Marcos Myskiw
Chefe do Departamento de Publicações Editoriais e Revisora de Textos	Marlei Maria Diedrich
Assistente em Administração	Fabiane Pedroso da Silva Suslbach



Conselho Editorial

Alcione Aparecida de Almeida Alves	Aline Raquel Müller Tones
Antonio Marcos Myskiw (Presidente)	Sergio Roberto Massagli
Everton Artuso	Carlos Alberto Cecatto
Helen Treichel	Cristiane Funghetto Fuzinatto
Janete Stoffel	Siomara Aparecida Marques
Joice Moreira Schmalfluss	Gelson Aguiar da Silva Moser
Jorge Roberto Marcante Carlotto	Athany Gutierrez
Liziara da Costa Cabrera	Iara Denise Endruweit Battisti
Marcela Alvares Maciel	Alexandre Mauricio Matiello
Maude Regina de Borba	Claudia Simone Madruga Lima
Melissa Laus Mattos	Luiz Felipe Leão Maia Brandão
Nilce Scheffer	Geraldo Ceni Coelho
Tassiana Potrich	Andréia Machado Cardoso
Tatiana Champion	Fabiana Elias
Valdir Prigol (Vice-presidente)	Angela Derlise Stübe

EDITORA ASSOCIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Revisão dos textos

Autora

Preparação e revisão final

Marlei Maria Diedrich

Capa

MC&G Design Editorial {foto: Ricardo Santin}

Projeto Gráfico e Diagramação

MC&G Design Editorial

Divulgação

Diretoria de Comunicação Social

Formato do e-book

e-pub, Mobi e PDF

O48p Oliveira, Ana Paula de
Pequenas mortes diárias / Ana Paula de Oliveira. —
Chapecó : Ed. UFFS, 2022.

ISBN: 978-65-5019-043-9 (EPUB).

978-65-5019-042-2 (PDF).

978-65-5019-044-6 (MOBI).

1. Poesia. 2. Poemas em prosa. I. Título..

CDD: 809.1

Ficha catalográfica elaborada pela

Divisão de Bibliotecas – UFFS

Vanusa Maciel

CRB -14/1478

